

O SALTO DE LENZ: O CORPO E SEU DUPLO

Miguel Firmeza BEZERRA⁹⁵

Juliana ABONIZIO⁹⁶

Resumo: O ensaio percorre a obra literária *Lenz*, de Georg Büchner, de modo a explorar como se processa nela uma experiência de dessubjetivação, de abandono de si, dissociação e fragmentação do eu. Procuraremos delinear esse espaço no qual, pela sua trajetória, *Lenz* abre uma solidão, uma distância contra si e seus referenciais, de onde surgem duplos diferenciais que exprimem mundos até então impensáveis. Há como que uma perda da sensação de totalidade e unidade do eu para uma experiência de estilhaçamento; uma abertura, uma cisão que arrasta o eu para fora de si e o desdobra do lado de fora. Objetiva-se traçar um mapeamento, uma cartografia desse percurso em que *Lenz* está enredado para delinear alguns momentos elementares de sua experiência.

Palavras-chave: Lenz. Dessubjetivação. Devir.

Abstract: *The essay investigates the literary work Lenz by Georg Büchner, in order to explore how the experience of desubjectification, of abandonment of oneself, dissociation and fragmentation of the self occurs. We will seek to outline the space where, through his trajectory, Lenz discloses certain loneliness, a distance from himself and his references, from which double differentials emerge, expressing worlds hitherto unthinkable. There is a sort of loss of the sense of wholeness and unity of the self for a shattering experience; an opening, a split that drags the self out of himself and unfolds him on the outside. The objective is to draw a map, a cartography of this route in which Lenz is enmeshed to outline some elementary moments of his experience.*

Keywords: Lenz. Desubjectification. Becoming.

⁹⁵ Doutorando em Estudos de Cultura Contemporânea, Faculdade de Comunicação e Artes-UFMT; Mestre em Psicologia Clínica pelo Núcleo de Subjetividades- PUC- SP. Reside atualmente em Cuiabá-Brasil. Email: miguelfbezerra@hotmail.com. O presente texto foi parcialmente apresentado no II Encuentro Latinoamericano de Investigadores/as sobre el Cuerpo y Corporalidades em las Culturas- Bogotá, Colômbia.

⁹⁶ Docente da Universidade Federal de Mato Grosso, onde atua no Programa de Pós - Graduação Estudos de Cultura Contemporânea (ECCO), situado em Cuiabá- MT, Brasil. Email: abonizio.juliana@gmail.com

O Salto de *Lenz*

“... não ouves a voz tenebrosa que uiva nos confins do horizonte e a que dão o nome de silêncio? Desde que cheguei a este vale tranquilo não posso dormir, ouço-a sem parar” (BÜCHNER, 1985).

“... não sentia cansaço algum, mas por instantes lhe era desagradável não poder andar sobre a cabeça” (BÜCHNER, 1985).

Lenz é uma novela do dramaturgo alemão Georg Büchner escrita em 1835. A obra foi inspirada por algumas cartas de Jacob Michael Reinhold Lenz (1751- 1792), notável escritor e dramaturgo pré-romântico, amigo de Goethe, e por observações do diário do pastor protestante Jean Frédéric Oberlin⁹⁷. Em um determinado período da vida, Lenz foi diagnosticado como portador de distúrbios mentais, motivo pelo qual o internaram no vicariato de Oberlin, na aldeia de montanha de Waldbach, a fim de reestabelecer seu equilíbrio mental. A novela trata desse período.

Ao longo da trajetória exposta na novela, Lenz passou por uma gradativa perda de si e de qualquer sentido possível que possa ser atribuído às coisas. Mas, ao mesmo tempo em que se opera essa espécie de desintegração de sentido, perdição, esvaziamento do mundo, abrem-se possibilidades insuspeitadas de mundos e relações sem precedentes. Uma radical experiência de dessubjetivação – de si e do mundo – que precede o surgimento de outros modos de existência que escapam ao registro de uma subjetividade: trata-se de relações a-subjetivas, linhas trans-subjetivas, de um homem esvaziado de interioridade, por isso dotado de um alto índice de transformabilidade. Veremos melhor o tema.

O que se pretende é traçar um mapeamento dos afetos em *Lenz*, com o objetivo de se delinear alguns momentos elementares deste processo. Pontuemos três momentos: o da abertura do Eu- Lenz; a dissolução de Lenz; e a depuração da experiência de Lenz como plano trans-subjetivo.

⁹⁷ Büchner, que teve acesso tanto as cartas de Lenz quanto ao diário de Oberlin, foi um dos responsáveis por desenterrar do esquecimento seu nome. Também redescobriram posteriormente a obra de Lenz os expressionistas alemães, quando, por volta de 1920, Brecht adaptou uma obra sua, “O preceptor”, e, no pós-68, Peter Schneider faz uma releitura da novela *Lenz* à luz dos acontecimentos do período. In: ARON (1986).

Sem o saber ao certo, e talvez seja uma das condições que impulsionam tal percurso – o de se colocar sempre numa espécie de véspera –, há um momento em que uma impropriedade, algo que não nos pertence, mas que estamos estranhamente relacionados, passa a agir como um vetor ativo em nossa subjetividade. Diríamos que linhas a-subjetivas nos perpassam, atravessando nossa suposta congruência com uma incongruência que nos faz remedir e recolocar toda a possibilidade de nossa ação. Algo que de fora se impõe a nós e nos exige uma escuta, uma atenção, capturando-nos para um situar-se em meio a tal desacordo, como se, ao ficarmos expostos a tais aberturas, fosse-nos proposto adentrar no exterior de nós mesmos, habitar essa exterioridade. É como se tudo estivesse ainda por ser feito. Retornamos a um primeiro passo na arte do fazer, quando nada temos a dizer e tudo em nós se concentra para ouvir, ver, tatear, apreender esse meio que se sustenta mediante uma espécie de apagamento de nós, como se, de súbito, fosse exposta nossa defasagem; e de onde nossa imagem é dissipada, coloca-se uma necessidade de recomeçar já sem saber o lugar em que se está. Recomeçar fora de si. Estamos em meio a abertura de si e seus desdobramentos, mas tomemos Lenz como fio condutor.

Inicia-se a novela já com uma primeira deserção, uma primeira fuga, um primeiro impulso de distância. Lenz está longe de casa, atravessa montanhas, “cumes e altiplanos cobertos de neve”, longe do calor acolhedor do lar, alçando planos geológicos cada vez mais elevados. Já no começo desta caminhada, anuncia-se um projeto: “andar por sobre sua cabeça”, traçar-se fora de si, aliado a “fantasmas alados”, tomado por um mundo de espíritos aéreos. Assunção de Urano (BÜCHNER, 1985).

Por vezes é tomado repentinamente por surtos, que fazem escapar seu eu, fendas e orifícios portadores de uma matéria sobre a qual não tem a mínima propriedade. É assolado frequentemente por esses buracos em si que lhe abrem distâncias abissais e aterradoras. Por vezes grita para se sentir presente, resgatar-se dessa perdição, da lonjura que lhe toma pouco a pouco, e cada vez mais, assustando-lhe, “e parecia que uma voz estranha lhe falava”. O mundo está fendido, rasgado, aberto; aquele mundo que Lenz julga ampará-lo, não raro, precipita-se para um abismo, tragando-lhe de sua realidade, de sua consistência. Pobre Lenz, não dorme mais, a voz de um imenso vazio lhe excita e perturba, atravessa-lhe como se quisesse sufocá-lo e explodi-lo. Mal ousa respirar, “ao andar, a flexão de seus pés ressoava como trovões”. Nesses momentos, um medo indizível lhe possui, é tomado por um tremor incontrollável e tudo que está a sua volta treme também e vibra como se estivesse prestes a voar pelos ares. Atira-se em água

fria desesperadamente, debatendo-se a fim de reaver seu mundo, retomar a solidez das coisas e de si. Só na mais completa exaustão é que, enfim, desfalece de sono (BÜCHNER, 1985).

No princípio, a luz do dia, o calor dos rostos hospitaleiros e, sobretudo, a presença de Oberlin – um padre que o acolhe em sua paróquia – garantiam-lhe a paz de seu espírito, a serenidade e a docilidade de uma estabilidade maior. Parecia-lhe que o mundo retomava seu lugar. Ouvia com grande atenção as palavras de Oberlin e nelas encontrava conforto às suas angústias. Mas, conforme a noite se erguia no alto e Lenz se recolhia ao quarto, a escuridão engolia tudo, sentia-se tomado pelo vazio e a casa paroquial, com suas luzes e rostos amáveis, surgia-lhe como uma sombra, um sonho. Sendo destituído pela fenda por onde o mundo escapa, é ele e o próprio mundo que vão, pela distância, alçando o estado de um sonho, despojados de seu estado sólido.

Estamos ainda no primeiro momento, o da abertura de Lenz, no qual ele é devassado pela fenda que o desapropria e leva-o cada vez mais para longe de si. Neste ponto, temos dois vetores agindo: o de sua abertura propriamente dita, tragando e abrindo distância contra si, dissolvendo-lhe de suas composições, estourando os elos entre as coisas e desvanecendo mais e mais o sentido de si e do mundo, esboroando a própria estrutura interior/exterior – progressivamente, tudo lhe parece oco, vazio, alçado à condição de irreferenciável; e um segundo vetor, que busca retomar as coisas em seus lugares, retornar Lenz a si próprio, readquirir a estrutura e consistência do mundo, salvar o mundo dos impulsos de dissolução.

Sua abertura desencadeia o estado de ricochete que antecipa sua entrega à dissolução. Sentia que a loucura, montada em seus cavalos, procurava-o, que algo terrível iria atingir o mundo e os homens não estavam preparados. E quando ela se aproximava, em suas visitas noturnas – no começo, intermitentes, depois passando a ser diárias – fazia o possível para se recobrar; agarrava no braço de quem se encontrasse mais próximo, como se estivesse em queda livre, entoava orações em voz alta, apalpava as coisas ao seu redor para se certificar de sua solidez, e, por fim, provocava-se dores físicas para se sentir vivo, engolfado que estava em sua perdição.

E Lenz tem razão quando expressa que os homens não estão preparados para o que está por vir. Os homens, a humanidade em *Lenz*, não poderia senão rebater os abismos da loucura, sempre clamando por sua conservação. Não é a ele que tais cavalos procuram, mas ao que sucede de sua dissolução, a um Lenz despojado de sua condição de homem. Ao saltador, ao homem sem rosto é que tamanha grandeza fala e o que exige dele é um tal despojamento para nele falar.

Nesse momento, o que está em jogo é o despojamento de Lenz, a depuração para um estado de despossuir-se, não ser possuído por si, livrar-se mesmo de si. Mas, em nome de quê? De um si não mais preso em si. Mas, vamos com calma.

Lenz vai sendo assolado intensamente por suas crises; não há mais hora nem situações favoráveis. A qualquer momento, ele é tomado de assalto e a constância de suas crises aumenta, tanto quanto o terror que se apossa dele. A cada vez, Lenz tem menos chance de se debater, de resistir, de se agarrar em algo que lhe garanta a realidade de si e das coisas, a realidade perdendo-se em meio ao incontrolável. Nesses instantes, um segundo limiar é ultrapassado. Lenz está completamente imerso no caos, num estado em que nada é ligado a nada, as ligações que formavam um mundo são arrebatadas, os átomos estão libertos em queda livre, coisa alguma é possível de ser capturada, de se assentar; Lenz é despojado de qualquer sensação e interioridade que lhe possa resistir; experiência incapturável do caos, “viver sem poder viver, sofrer sem poder sofrer”,⁹⁸ os elementos que constituem a interioridade de Lenz escapam, não há como conter-lhes. No limiar desse salto, ainda remonta um momento Crístico – Ó Deus! Por que me abandonastes? –, depuração última da base ontológica da ordem do mundo, e salta no olho do turbilhão, pois nada mais pode fazer.

Antes disso, mas já nesse segundo momento, até mesmo como condição para o seu acontecimento, foi necessário a Lenz afirmar tudo aquilo que vinha combatendo; todas essas feridas que colocavam seu mundo em desvario, esses abismos contra os quais lutou até os seus limites máximos, todo este universo crivado de feridas: “...deixa que em mim as santas dores jorrem de suas fundas nascentes, que o sofrimento seja todo o meu benefício.” Tudo já o alucinava neste instante, “sentia-se numa outra vida”, “lábios divinos e frementes colavam-se lhe à boca”, “a nascente fez-se ouvir”, tudo vibrava absurdamente ensurdecendo-o, pressentia sua dissolução, agora em volúpia. E lança-se... Crepúsculo do homem-Lenz. Liberação das partículas Lenz (BÜCHNER, 1985).

Milagre da ressurreição: nascimento de um Lenz anímico – se, assim, permitem-me dizer. Sucede-se a isso o encontro de Lenz com sua mãe, não a humana, mas a cósmica; é assumido no seio do turbilhão, em sua correnteza, que só se afirma neste terceiro momento. Este terceiro momento é o da afirmação:

⁹⁸ Fragmento retirado da palestra de José Gil: Para uma cartografia dos afectos no livro do desassossego. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=MsMo4x7kSRQ>

[...] dessa secreta coerência que só se afirma excluindo minha própria coerência, minha própria identidade, a do eu, a do mundo, e a de Deus. Ela só faz com que retorne o plebeu, o homem sem nome. Ela arrasta o deus morto e o eu dissolvido... Concentra apenas as nebulosas, confunde-se com elas e só tem movimento por elas [...] (DELEUZE, 1988, p. 95).

Eis o segundo nascimento de Lenz, e percebe-se que o próprio Lenz- Homem, Lenz- invólucro, era uma espécie de útero para o Lenz-anímico. A vida pessoal dá lugar a uma grande vida, antes rebaixada pelo regime que estruturava as partículas no interior dos corpos e as continha em suas profundidades. Com o desdobramento de Lenz para fora de si, é toda uma realidade para fora dos corpos que ele encontra; com a ascensão de seu duplo anímico, Lenz desvela também o duplo anímico do mundo, um plano vibracional no qual os limites que marcavam as antigas interioridades cedem espaço à uma transposição permanente de limiares.

A consciência deixa de ser uma interioridade, uma luz sobre os objetos, para se tornar uma “fosforescência interior às coisas”. Aqui, o projeto inicial de Lenz ganha vida: caminhar por sobre sua cabeça, um “eu voador” (DELEUZE, 1988), destituído e refeito de instante em instante junto às “nebulosas” que constituem este plano trans-subjetivo.

Oberlin já havia comentado com Lenz de moças que conseguiam sentir a água, os metais, as pedras, no ventre da terra. Era a vez de Lenz viver isso:

[...] sentia atrair a tempestade, receber todas as coisas; estendia-se na terra, cavava uma passagem no universo: sentia então uma volúpia que acabava por ser dolorosa. Ou, detinha-se, pousava a cabeça na relva e semicerrava os olhos: tudo então se afastava, a terra então recuava, diminuía, como um planeta errante, e depois mergulhava num qualquer rio sussurrante cuja água clara se desfazia a seus pés (BÜCHNER, 1985, p. 124).

Agora, já não temos mais a possibilidade de um retorno, de um efeito ricochete que devolva Lenz às suas origens, que o restitua à segurança de uma interioridade. Tudo nesse “cogito para um eu dissolvido” se efetua em uma afirmação com relação aos alvos, aos impulsos, ao devir, não mais a uma filiação às causas e origens. As alianças contingenciais substituíram as filiações.

O si, que advém nesse momento da experiência, não é mais que um elo, uma aliança, uma aliança móvel; um elo de mutabilidade à custa de si, refeito apenas como novo elo. Seu ser agora é o ser mesmo da mutabilidade, o ser de seu desdobramento, contemporâneo a si mesmo, na medida em que é aquele que se diferencia de si. Trata-se de um si que é, sobretudo, transição de limiares, transição de si; sempre um passo além, sempre rumando, sendo lançado, lançando-se em/por um lugar em que não se encontra, implicado com/em um corpo estranho que lhe

replica. O que diferencia esse si é que ele ganha vida sempre no outro, através do outro, implicado nele, o que desautoriza pensá-lo pela chave do interior/exterior, eu/outro. No lugar em que havia uma estrutura de descontinuidade entre as coisas, agora há uma continuidade em perpétua diferenciação; permanente duplicação. Trata-se de um si que nasce e se mantém sempre fora de si, atravessando e sendo atravessado por todo o processo de mutabilidade em jogo.

Lenz tomava tais estados como dotados de uma verdadeira beatitude e graça, formas superiores da vida. De onde se dissolviam as formas limitadas surgiam fluxos infinitos, “linhas abstratas, luminosas e contundentes” (DELEUZE, 1975), uma vida erigida sob o signo dos duplos, “sempre destruída, sempre transformada” (BÜCHNER, 1985).

[...] ser tocado pela vida própria de todas as formas, ter uma alma para as pedras, os metais, a água, as plantas, acolher em si, como num sonho, todos os objetos da natureza, do mesmo modo como as plantas absorvem o ar com o crescer e o minguar da lua... infinita beatitude (BÜCHNER, 1985).

A vida ali atingira o grau de um rio voador, com alto grau de mutabilidade; transmigração da matéria Lenz para inúmeras formas e figuras. Não mais o regime da interioridade que aprofundava e rebaixava as partículas no próprio corpo, mas um regime de superfície que libera os elementos em duplos voadores, em quedas e mutações. Eis o tapete voador de Lenz, o viajante imóvel.

Retomemos agora as três etapas que procuramos delinear na trajetória promovida por Lenz. Primeiro, a abertura de Lenz, o sentimento de invasão, de estranheza que assolava o lar, o ninho, o homem Lenz. Deu-se a ver que era uma espécie de útero, invólucro, e que as estranhezas, que não só abismavam-lhe, mas preparavam sua expulsão para uma outra vida fora do útero, eram flertes com essa outra vida. Depois, quando não mais podia se agarrar ao aconchego do útero, dá-se a dissolução de sua interioridade e simultaneamente seu nascimento para o lado de fora. Lenz é liberado de sua forma, de sua interioridade, para se reascender como duplo composto de partículas livres, um eu dissolvido em meio às partículas libertas do mundo; relações entre duplos, fluidez para além dos corpos, Lenz-anímico em seu jogo de metamorfoses. Temos então: abertura Lenz; dissolução; e surgimento de duplos liberados de seus vínculos anteriores, ou, para retomar o termo usado no início, depuração de Lenz em plano trans-subjetivo.

Por fim, o que Deleuze diz sobre o romance de Tournier (DELEUZE, 1975) é válido para Lenz também: não se trata de uma novela de análise interior, de uma narrativa que tem como

mote um fundo psicológico, intimista, mas antes de uma abertura a uma *extimidade*; uma novela que tem como alvo o plano cósmico desempenhado por todo tipo de avatares; de uma vida que tem como eixo sua duplicação diferencial, seu permanente espelhamento alhures; aí uma consistência é criada, começa algo que merece nossa insistência, e é para isso que, necessariamente, nossa repetição deve convergir.

Referências

ARON, Irene. **Georg Büchner e a modernidade**. São Paulo; Annablume, 1993.

_____. Lenz: A trajetória do ser humano. In: **Fragmento-** v.1, n.2; Florianópolis, DLLE/UFSC, Jul/Dez, 1986.

BÜCHNER, Georg. **Lenz**. São Paulo; Ed. Brasiliense, 1985.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. Rio de Janeiro; Ed. Graal, 1988.

DELEUZE, Gilles. Michel Tornier e o mundo sem outrem. In: **Lógica do sentido**. São Paulo; Ed. Perspectiva, 1975.

FERREIRA, Gleydson André da Silva. Ir pelo eu para além do eu: A poética em curso de Paul Celan. In: **Em Tese-** v.9, n.3; Belo Horizonte, Set/ Dez, 2013.

GIL, José. **Para uma cartografia dos afectos no livro do desassossego**. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=MsMo4x7kSRQ>, visitado em 16/09/2016.